

Chitãozinho e Xororó felizes com sertanejo no RIR

PÁGINA 3



Rodrigo Faro fala sobre viver Silvio Santos no cinema

PÁGINA 5



Municipal promove festival de óperas até o dia 21

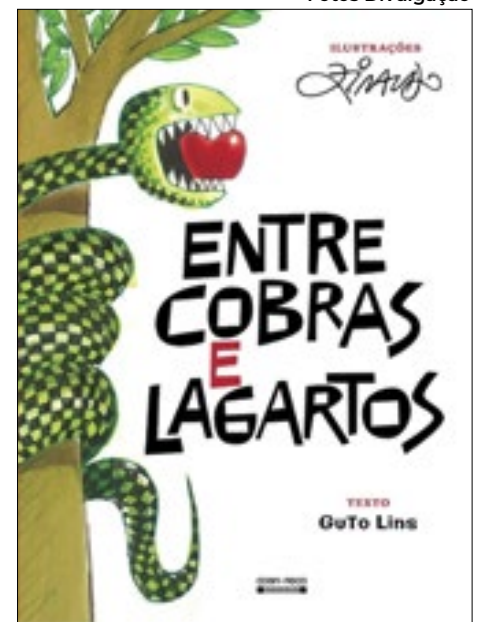
PÁGINA 8



2º CADERNO



Fotos Divulgação



Em 'Entre Cobras e Lagartos', Guto Lins construiu uma narrativa através de inúmeros desenhos do acervo de Ziraldo

A obra viva de um mestre do traço

Poucos meses depois de sua morte, Ziraldo é atração da Bienal Internacional do Livro, em São Paulo, com lançamento de livro com ilustrações do cartunista que encantou gerações

Por Affonso Nunes

A Bienal Internacional do Livro de São Paulo se realiza até domingo (15) e pela primeira vez sem um de seus personagens da mais marcantes. Autor de títulos infantis consagrados, o cartunista Ziraldo



(1932-2024) arrastava multidões por onde passava durante o evento. O artista se foi, deixando um legado marcante, mas sua vasta obra não está completa. Ganha um novo capítulo, colorido e ilustrado, com o lançamento de "Entre Cobras e Lagartos" nesta sexta-feira (13).

A história de uma cobra em crise existencial, que se depara com um animal mais assustador do que ela, dá o tom deste livro inédito do multiartista, que faleceu em abril, aos 91 anos. Com ilustrações de Ziraldo e textos de Guto Lins, foi editado pela Reco-Reco, selo da Record voltado para literatura infantojuvenil. O lançamento terá mesa de debates (10h) e sessão de autógrafos (12h) na Bienal.

Intencional, que se depara com um animal mais assustador do que ela, dá o tom deste livro inédito do multiartista, que faleceu em abril, aos 91 anos. Com ilustrações de Ziraldo e textos de Guto Lins, foi editado pela Reco-Reco, selo da Record voltado para literatura infantojuvenil. O lançamento terá mesa de debates (10h) e sessão de autógrafos (12h) na Bienal.

O livro tem por base imagens garimpadas no acervo do Instituto Ziraldo, que desde 2019 vem se estruturando na preservação, organização e divulgação da obra criada por Ziraldo. São ilustrações feitas em diferentes épocas para a imprensa, literatura ou campanhas institucionais - um pequeno painel da diversidade do traço e da atemporalidade de suas ideias. Todas juntas oferecem a oportunidade de uma viagem no tempo, tendo como guia o bom humor, uma das grandes características de Ziraldo.

Nas palavras de Guto Lins, trata-se de um livro "ao contrário", no qual as imagens dão origem aos textos. A personagem principal é descrita em detalhes reveladores: "Era uma vez uma cobra que tinha 's' de sobra. Não era uma cobra só. Sabida, sabichona, sensata, sincera, sofisticada, sonhadora, sociável, se achava simplesmente sensacional. Mas era solitária".

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Rodrigo Menezes/Divulgação



O espetáculo reúne canções e trechos declamados

Tributo a Marielle inicia curta temporada no Teatro Dulcina

Celebrando a vida, a potência e o legado de Marielle Franco, além de também prestar homenagem a outras mulheres negras que marcaram a história do século XX e XXI, o sarau show "Tributo: Marielle Presente" traz música, teatro e performance ao palco do Teatro Dulcina. As apresentações tem início nesta quinta-feira

(12) e continuam nas quintas seguintes, sempre às 19h30, até o dia 26, com ingressos a R\$ 20 e R\$ 10 (meia). Sarau em formato de show, o espetáculo tem músicas e trechos declamados de "Marielle Presente", encenado pela Confraria do Impossível, exaltando o maior símbolo de resistência preta dos últimos tempos.

Indignação

Halle Berry queixou-se de ser a única atriz negra a ter sido contemplada com um Oscar em toda a história da academia. Ela faturou o prêmio de Melhor Atriz por "A Última Ceia" (2002) e, desde então, nenhuma outra artista negra venceu a categoria.

Indignação II

Halle achava que sua vitória abriria espaço para outras atrizes negras na premiação. "Havia mulheres que, com razão, sem dúvida, poderiam ter, deveriam ter. Eu esperava que elas tivessem, mas não tenho a resposta de por que não foi assim".

Falar do Rio

Carioca radicada em Belo Horizonte, Lúcia Shibuya se debruça numa reflexão sobre a cidade natal no livro "2004 Diário carioca - A Princesinha do Mar" que ela lança neste sábado (14), às 18h, no Botequim (Rua Visconde de Caravelas, 22).

Deu ruim

Neymar apostou pesado na onda dos NFTs (token não-fungível), que estava em alta em 2022. Mas a aposta não se confirmou. Passados dois anos, as artes da Bored Ape adquiridas por mais de R\$ 6 milhões estão valendo pouco mais de R\$ 400 mil.

Uma personagem instigante desde a Antiguidade

A partir das ilustrações de Ziraldo, Guto Lins conta a história dessa



cobra temida e instigante, presente desde as histórias de Adão e Eva e ainda na mitologia grega, por compor as madeixas fatais da Medusa. "No livro, vemos essa personagem sob nova perspectiva. Aqui ela está sempre à procura de alguém que possa compreendê-la e aceitá-la como é", explica o dramaturgo, autor e ilustrador Roger Mello, que assina o texto de apresentação do livro.

A Bienal traz uma programação especial em homenagem a Ziraldo. O público poderá participar de oficinas, sessões de leitura e encontros com autores que discutirão o legado de Ziraldo e sua influência na nova geração de leitores. Ao todo, são cinco espaços oficiais dedicados à obra do multiartista: Espaço Infâncias, Salão de Ideias, Papo de Mercado, Educação e Cordel e Repente. O maior evento literário da América Latina, realizado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) vai até domingo (15) no Distrito Anhembi, em São Paulo, onde são esperadas mais de 600 mil pessoas.

Ziraldo nasceu artista, em 1932, no interior de Minas Gerais, curioso por informação e apaixonado por livros, esporte e amigos. Observador das fraquezas e grandezas humanas, era um comunicador ávido. Artista autodidata, atuante nos mais variados campos da cultura, Foi um desbravador, pioneiro no design brasileiro, revolucionário na literatura infantojuvenil, sempre com ideias inovadoras e traços vigorosos.

Dono de um olhar apurado e um enorme talento para dar formas aparentemente simples a temas complexos, Ziraldo abriu caminhos para toda uma geração de fãs, artis-

Divulgação



Trecho do livro 'Entre Cobras e Lagartos', com texto de Guto Lins a partir de ilustrações deixadas pelo mestre Ziraldo

tas e intelectuais, sendo um verdadeiro ativista cultural em constante diálogo com a sociedade.

Sua assinatura inconfundível na imprensa brasileira e o humor como forma de resistência foram marcantes em momentos importantes de nossa história. Suas obras literárias trouxeram uma nova escuta para a infância. Ziraldo é um artista atemporal e universal, referência na defesa da liberdade de expressão.

A sua obra é preservada pelo Instituto Ziraldo, com sede na Lagoa. Até o momento, já foram inventariados cerca de 18 mil itens, entre desenhos, textos, cartazes, cartuns, charges, livros, pinturas e esboços, reunidos nos formatos físico e digital.

Ziraldo deixou 8 milhões de exemplares vendidos, desenhos fabulosos no acervo e alguns dos

maiores clássicos da literatura brasileira, como "O Menino Maluquinho", "Flicts", "A Turma do Pererê", "Jeremias o Bom", "Supermãe" e muitos outros.

Para tanto, o Instituto Ziraldo conta com o patrocínio da Prio, promovendo a conservação do acervo do artista e a difusão de suas obras para diversos públicos. "Investir em cultura é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade dinâmica e inclusiva. Queremos contribuir para manter viva a arte de um cartunista que conversa com todas as idades. Ziraldo fala com muita criatividade e propriedade de temas relevantes como a importância de sonhar, acreditar, e de assuntos como responsabilidade, sustentabilidade e futuro", diz Camilla Trindade, gestora de Patrocínios e Projetos Sociais da Prio.

Reprodução Instagram



Chitãozinho e Xororó

Divulgação



Luan Santana



Por Amanda Cavalcanti (Folhapress)

No dia 21 de setembro, o gênero mais escutado no Brasil fará sua estreia no maior festival do país. O show Pra Sempre Sertanejo, uma das verticais do Dia Brasil do Rock in Rio, em que se apresentarão apenas artistas brasileiros, contará com a participação de representantes de diversas gerações do ritmo sob a batuta dos mestres de cerimônia Chitãozinho e Xororó.

Para a dupla, a chance de se apresentar no festival é oportuna, ainda que tenha vindo com um pouco de atraso. “A música sertaneja já merecia estar no Rock in Rio há muito tempo”, desabafou Chitãozinho em entrevista coletiva para a imprensa no primeiro e único ensaio do show, que será realizado com a Orquestra Sinfônica de Heliópolis.

O ensaio aconteceu na sede da orquestra, na zona sul de São Paulo. Numa pausa entre uma faixa e outra, Xororó contou aos músicos que a história da dupla não começou muito longe dali. Em 1969, eles moravam em Mauá, no ABC Paulista, e pegavam o ônibus todas as manhãs para São Paulo para investir na carreira musical.

Recordistas em vendas de disco no Brasil, a dupla segue sendo um dos maiores representantes do gênero que tomou o país inteiro.

A primeira apresentação da dupla no Rock in Rio é idealizada por Zé Ricardo,

Um gosto de início para campeões das paradas de sucesso

‘Sertanejo merecia estar no Rock in Rio há muito tempo’, diz Chitãozinho sobre noite do festival que terá ele, seu irmão Xororó, Luan Santana e Ana Castela

curador do palco Sunset e vice-presidente artístico do festival. “Eu quis trazer os mestres - de certa maneira, também é uma homenagem a eles -, mas também uma proposta geracional”, disse ele à reportagem. A escalação do show, então, conta ainda com Simone Mendes, Ana Castela e Luan Santana. Junior e Cabal também farão participações durante a apresentação.

Luan representa a geração do sertanejo universitário, de quando o gênero passou a ser invadido de vez por guitarras elétricas e sintetizadores, além de artistas mais

juvenis. Quando seu primeiro hit, “Meteteoro”, estourou em 2009, o cantor tinha 19 anos. A canção aparece repaginada em Pra Sempre Sertanejo, com guitarras altas e uma bateria pesada. “[A faixa] sempre teve essa pegada mais pop-rock-sertanejo, e acho que acentuou mais nesse arranjo”, comenta o cantor.

Ele rememora já ter ido ao Rock in Rio em 2015, para ver o Elton John, mas admite não saber de ninguém que tocará no festival neste ano. Para a sua própria aparição, ele prepara um medley que nos lembra quantas faixas de sucesso o can-

Divulgação



Ana Castela

tor produziu nos últimos 15 anos, de “Sinais” a “Você Não Sabe o que é Amor”, de “Amar Não é Pecado” a “Acordando o Prédio”.

Resistências

O caminho até lá não foi fácil. Luan fala de ter enfrentado uma resistência dos fãs mais tradicionais de sertanejo, algo que para ele é “histórico em todos os estilos musicais.”

Quem enfrenta essas críticas agora é a novata Ana Castela. De longe a mais jovem dos músicos de sertanejo que se apresentarão no Rock in Rio, prestes a completar 21 anos, a cantora estourou com o sucesso de “Pipoco” em 2022, parceria com Melody e DJ Chris. O hit mistura o sertanejo com toques de pop, eletrônico e funk.

No festival, ao lado de Chitãozinho e Xororó e a Orquestra Sinfônica de Heliópolis, ela cantará seus hits “Nosso Quadro” e “Solteiro Forçado”, mais ligados ao sertanejo tradicional.

A apresentação resolve uma tensão de décadas. Xororó comenta que Chitãozinho sempre o dizia que “o Rock in Rio é quase perfeito, só falta o sertanejo estar lá.”

Divulgação



Charlotte Gainsbourg é a encarnação do luto na trama filmada pelo artesão autoral alemão Wim Wenders no longa 'Tudo Vai Ficar Bem', que pode ser visto no streaming

Melodrama à moda **Wenders**

Filme que marcou o regresso do diretor do calamado 'Dias Perfeitos' à boa forma na narrativa de ficção, 'Tudo Vai Ficar Bem' conquista uma sobrevida no streaming, na grade da Apple TV

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Depois que "Dias Perfeitos" ("Perfect Days") desfrutou do circuito carioca por seis meses a fio, consolidando-se como o título de maior longevidade em nossas telas este ano, a grife Wim Wenders volta a despertar o apetite de exibidores e das plataformas digitais pela obra do artesão alemão, hoje com 79 anos. Depois de uma recente homenagem, em São Paulo, no Kinoforum, o realizador torna a instigar a inquietude da cinefilia brasileira, agora no streaming, por conta da carreira online de um de seus filmes mais devastadores das últimas duas décadas: "Tudo Vai Ficar Bem" ("Every Thing Will Be Fine", 2015).

Quase dez anos depois de sua estreia, que se deu no Festival de Berlim, em meio à entrega do Urso de Ouro Honorário ao cineasta, esse exasperante longa-metragem ganha os holofotes da Apple TV, onde pode ser comprado ou alugado.

Há um perfume inusitado de frescor nas tintas folhetinescas com que Wenders tingiu "Tudo Vai Ficar Bem", fazendo dele um ensaio sobre o luto. Sua beleza reside numa reflexão sobre estados melancólicos – e sobre culpa – que ganha um requinte plástico singular no cuidado digno de ourives que o diretor tem com detalhes do plano. Trata-se de uma narrativa onde a marca estética de WW se faz notar da profundidade das cenas às bordas dos quadros, potencializados pelo empenho de um ator hoje vítima da

cultura do cancelamento: James Franco.

Desde "Tão Longe, Tão Perto" (1993) não se via – na ficção – um Wenders tão possante... e tocante... quanto o desse estudo sobre rotinas enlutadas. Sem ele não existiria a joia "Dias Perfeitos", indicada ao Oscar em março.

Numa atuação pontuada por silêncio e dor, Franco é Tomas Elden, autor best-seller, mimado pela indústria editorial, que perde o domínio sobre os parágrafos de si mesmo ao atropelar e matar uma criança, por acidente. O irmão do menino é a única testemunha do atropelamento, que se dá numa região nevada. As filmagens se deram em Québec, no Canadá.

A notícia dessa morte implode as emoções da mãe da vítima, Kate, construída por Charlotte como uma figura enigmá-

tica, a um só tempo destrutiva e resiliente. Por conta de um contato com ela, o impacto do acidente vai reverberar sobre a vida de Tomas por anos a fio, enquanto ele galga o sucesso literário e ergue novas conexões amorosas. Em paralelo, Kate estará a seu redor, numa relação indefinível, entre a atração e o repúdio, entre a acusação e a adoração.

É nessa bifurcação de sentimentos (e de sentidos) que a autoridade de Wenders se faz valer, aproximando Tomas dos anjos existencialistas de "Asas do Desejo" (1987), do andarilho de (sua obra-prima) "Paris, Texas" (Palma de Ouro de 1984) ou do jornalista imerso no esplendor da infância de "Alice nas Cidades" (1974). Inclua nessa lista o limpador de privadas de "Dias Perfeitos". Todos esses sujeitos careciam de pertença, ou seja, da sensação (física e metafísica) de se sentir parte de algo, de ter um abrigo. Pertença é a questão central da filmografia deste contador de histórias que se bandeou para as verdades do documentário no galope dos anos 2000, sobretudo com "Buena Vista Social Club", ao perder a ressonância do aspecto rock'n'roll das narrativas ficcionais.

Em entrevistas diversas, em pontos variados de sua obra, Wenders disse ser parte de uma geração salva da depressão moral da História pelos acordes do rock. O cinema para ele tem a dimensão progressiva de um LP do Yes ou de um "Dark Side of the Moon", do Pink Floyd. Desconexões com o simbolismo do movimento musical roqueiro (retomado em "Dias Perfeitos") empurraram o diretor ao Real. Depois de toda a excelência visual de seu "Sal da Terra", que codirigiu com Juliano Salgado em 2014, Wenders viu sua sede de fabulação despertar mais uma vez. "Tudo Vai Ficar Bem" é uma prova disso, ainda que por gravite por uma trilha de fábula sem mágicas, pautada apenas pelo feitiço da cicatrização de magoas.

Wenders filma em busca de gente desconectada frente a um mundo no qual elas são exceções às regras, como se viu em "Dias Perfeitos". O Tomas de "Tudo Vai Ficar Bem" é uma figura singular pela força de sua arte, pela veia literária, mas ele vai embarcar numa aventura para encontrar a transcendência além das palavras, conjugando o verbo "viver" na prosa da carne, do osso e do desastre. Ao acompanhar essa triste figura com sua câmera, Wenders nos dá um filme belíssimo, que mostra ser "para sempre" ao conquistar novos olhares agora na Apple TV.

Por Pedro Sobreiro

Chega aos cinemas nesta quinta-feira (12) um dos filmes mais curiosos deste ano: *Silvio*. Dirigido por Marcelo Antunez (*Polícia Federal - A Lei é para Todos*), o longa aborda um pouco da biografia de Silvio Santos tendo como cenário o tenso episódio do sequestro do apresentador, ocorrido em 2001. Estrelado por Rodrigo Faro, o filme é um suspense que usa flashbacks para abordar as negociações de Silvio com o sequestrador, enquanto o Brasil se mobilizava para acompanhar o caso.

Na pré-estreia de “*Silvio*”, realizada no Kinoplex do Shopping Rio Sul, Rodrigo Faro contou ao *Correio da Manhã* sobre esse projeto e como foi receber um convite para interpretar Silvio Santos nos cinemas.

“O *Senhor Agravanel* deixou a gente, mas o Silvio é imortal. O convite veio em 2018, quando o produtor Roberto D’Avila me chamou para interpretar o Silvio Santos. E eu fiquei meio em dúvida. Por que eu? Porque eu também sou apresentador, então como faria para que, nos primeiros 30 segundos, as pessoas vissem o Silvio em vez de mim, sabe?”, questiona. “Era muito desafiador. Então, na hora, fui falar com o Silvio [Santos] para ver o que ele achava da ideia. E ele me deu todo o apoio, todo o carinho para poder fazer esse trabalho, que é uma homenagem a ele. Eu só aceitei o papel por conta desse apoio”, completa.

Interpretar um personagem icônico é sempre difícil, ainda mais em um momento em que o homenageado faleceu há pouquíssimo tempo. E Faro revelou que seu maior desejo era ver o filme com o Silvio.

“É uma honra e um grande desafio. É um prazer contar um pouco dessa história tão gloriosa. E minha ideia era contar essa história para ele ver, mas Deus não quis dessa forma, então fica uma grande homenagem ao maior comunicador da televisão brasileira. Espero que o Brasil possa ver e se emocionar, assim como a gente se emocionou ao fazer esse filme”, conta Faro.

O filme se diferencia das outras produções por trazer um Silvio distante daquela imagem tão tradicional das TVs brasileiras aos domingos. Para Faro, por mais desafiador que seja, esse contexto permitiu trabalhar um lado mais íntimo do personagem.

Sai o Silvio, entra o **Senhor Agravanel**

Nos cinemas com ‘*Silvio*’, Rodrigo Faro conta sobre a experiência de interpretar o maior comunicador do Brasil

Divulgação



O Silvio do filme atua como negociador, alguém tentando entender os lados envolvidos no caso

Divulgação

“O Silvio da TV está no filme, mas vocês também vão ver um Silvio muito diferente, que está vivendo um momento muito importante de sua vida, um momento mais forte em que ele correu realmente risco de vida. E foi um caso tão pessoal que a gente não tem muito registro, então o Silvio que eu interpretei é o Silvio do meu coração, como eu imaginei que ele reagiria ao ver um sequestrador na casa dele, ao ver sua família em risco. O Silvio da TV está lá, mas na hora do medo a caricatura não funciona. Você não vai falar ‘Ma ôê’ para um bandido. Isso não funciona. Eu fui buscar na personalidade dele elementos de um homem que lidou com a situação usando uma inteligência emocional, seu poder de persuasão. Ele foi quase um super-herói de carne e osso nessa história”, comenta.



Por fim, o filme acabou virando meme nas redes sociais após o lançamento do primeiro trailer, que não estava completamente finalizado. Mas Faro diz que essa repercussão bem-humorada acabou sendo positiva, porque ajudou a promover o filme.

“Eu achei maravilhoso. Brincaram que eu estava parecendo o Kiko do Chaves. Não me irritei e nem me incomodou, porque acho que se você não está preparado pra brincadeira, não desça pro play. A internet é uma ferramenta poderosa, e acho ótimo que tenha repercutido, porque ajudou a divulgar o filme. O importante, no fim de tudo, é apoiar o cinema nacional. É uma indústria incrível, que merece e precisa de investimento para contar nossas histórias”, defende o ator e apresentador

É hora de falar da mulher madura

Diney Araújo/Divulgação

Monólogo 'Aos 50 – Quem me aguenta?', com Evana Carvalho, traz uma abordagem crítica e consciente, de uma mulher frente às demandas de uma sociedade que ainda se guia pela valorização do conceito de juventude

Comemorando 40 anos de carreira e o sucesso como a Inácia na novela "Renascer", Edvana Carvalho pode ser vista no espetáculo "Aos 50, quem me aguenta?" em cartaz no Teatro Glaucé Rocha e que tem a atriz como coautoras. A direção é de Marcelo Praddo.

Mais do que nunca, para Edvana, este é o momento de falar sobre a mulher negra e sua maturidade, os aspectos sentimentais e sociais de seu empoderamento, abordando temas como sexo, envelhecimento, filhos, relacionamentos e sororidade ao ultrapassar as barreiras trazidas pelos 50 anos.

Os textos do espetáculo são inspirados no formato do Ted Talk, em que conversas curtas são apresentadas de forma bem-humorada sobre as diversas situações vividas no âmbito pessoal da intérprete. "Aos 50 – Quem me aguenta?" traz uma abordagem crítica e consciente, de uma mulher frente às demandas de uma sociedade que ainda se guia pela valorização da juventude. Assim, temas como machismo, misoginia, racismo e preconceitos diversos, servem como fonte para quebrar paradigmas e mostrar as novas possibilidades do feminino no contexto contemporâneo.

"Essa peça vem para comemorar os meus 40 anos de teatro e a minha vivência na meia-idade. Estou vivendo outra fase na minha vida, que também é de total empoderamento. Já me tornei avó, gosto de dizer que me tornei vovó-gata! E, pela primeira vez, subo ao palco sozinha, um desafio que eu mesma me impus pessoalmente e como artista, para falar sobre a mulher que eu vi crescer em mim nesses 56 anos de idade", reflete Edvana.

Segundo a atriz, a peça toca em muitos tópicos, dentre eles relacionamentos, filhos, a síndrome do ninho vazio, questões sociais, cotidianas e, claro, situações engraçadas. Outra perspectiva, que permeia toda sua car-



“Pela primeira vez, subo ao palco sozinha, um desafio que eu mesma me impus pessoalmente e como artista, para falar sobre a mulher que eu vi crescer em mim nesses 56 anos de idade”

Edvana Carvalho

reira, é a de ser um instrumento de representatividade. “Acredito que devemos estimular sempre a ideia de que meninos e meninas negros, oriundos da periferia, como eu, podem ser atores e atrizes. Podemos estar em todos os lugares que quisermos e, a cor da minha pele, origem e etnia, não podem ser entraves para isso”, reforça atriz, baiana de Salvador que iniciou sua carreira ainda

na escola, passando pelo Grupo de Teatro do Sesc/Senac, chegando à primeira formação do Bando de Teatro Olodum para depois integrar o elenco de algumas novelas e filmes como “Ó Pai, Ó” e “Os Homens São de Marte... E É para Lá que Eu Vou”.

Para o diretor Marcelo Praddo, falar sobre a maturidade, a passagem do tempo e seu significado é sempre engrandecedor. “Além do tema principal, que é o relato de uma mulher sobre sua experiência ao chegar aos 50 anos, outro componente importante é que estamos falando de uma atriz negra”, pondera. Ele acredita, assim como Edvana, que esta abordagem faz toda a diferença. “Isto acrescenta pontos importantes e delicados à discussão, como preconceito, discriminação e a dificuldade de sobreviver de arte num país como o nosso”, frisa o encenador.

SERVIÇO

AOS 50 – QUEM ME AGUENTA?

Teatro Glaucé Rocha (Av. Rio Branco, nº 179 – Centro)

Até 26/9, às quartas e quintas (19h)

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Como um artista participa de nossas vidas

Musical 'Nossa História com Chico Buarque' mostra como a obra do compositor traduziu o Brasil em vários momentos da vida brasileira

Ao longo das últimas seis décadas, Chico Buarque construiu uma obra monumental, através de centenas de canções, álbuns, livros e espetáculos teatrais. Mais do que uma produção vultuosa, suas criações ocupam um lugar único dentro da vida brasileira, ao cantar momentos icônicos da história recente do país, mas também ao traduzir os sentimentos mais íntimos do inconsciente coletivo nacional. O musical "Nossa História com Chico Buarque" nasce do desafio de contar um enredo absolutamente original, concebido sob a inspiração do inesgotável universo buarqueano.

O espetáculo, em cartaz no Teatro Riachuelo, nasceu de uma provocação da produtora Andréa Alves ao diretor Rafael Gomes. Juntos, eles montaram "Gota D'água [a seco]" (2016) - uma releitura do clássico "Gota D'água", de Chico - e passaram por outras incursões no repertório do homenageado: Rafael assinou uma montagem de "Cambaio" e Andréa produziu "A Ópera do Malandro" (2014) e "Os Saltimbancos" (2012).

A dramaturgia inédita é assinada por Rafael e Vinicius Calderoni, seu parceiro em diversos projetos, e narra a saga de alguns personagens de duas famílias cariocas ao longo de três gerações, como em um épico íntimo.

Três momentos

A ação se passa em três momentos: 1968, 1989 e 2022, não à toa datas fundamentais para se contar a recente história política e social brasileira, quando, respectivamente, o país atravessava a pior fase da ditadura militar, logo após vem o período da redemocratização e chega na fase final, depois da pandemia e de uma nova ruptura democrática.

Enquanto os conflitos, paixões, encontros e desencontros das personagens se desenrolam no palco, mais de 50 canções e trechos de composições de Chico Buarque se embalam com os diálogos, pontuando a ação e se incorporando à dramaturgia, ao complementar o que é dito pelos atores e revelar

Laila Garin em cena do musical 'Nossa História com Chico Buarque', em cartaz no Teatro Riachuelo



também o que não é dito, além de avançar com a ação da trama. Tudo é embalado pela direção musical de Alfredo Del-Penho, que criou novos arranjos para cada obra.

Entre as músicas selecionadas, estão clássicos incontestáveis como "Construção" e "O Que Será"; hits radiofônicos como "A Banda" e "Olhos nos Olhos"; além de obras que Chico compôs para outras peças - "Tatuagem", "Roda Viva" e "A História de Lily Braun" - e criações mais recentes.

"É um desespero ter que escolher dentro de uma obra de quase 400 músicas. O grande critério é mesmo saber quais as canções que vão servir à narrativa. É uma peça cuja proposta de dramaturgia se estrutura ao redor do quanto essas músicas fazem parte de nossa vida", conta Rafael Gomes, que, inclusive, buscou uma inspiração inicial para toda a trama na canção "Construção":

"É uma inspiração de estética, no sentido de que os versos se repetem, alterando o fim ou variando entre si. A gente também tem três gerações de personagens que de alguma maneira se repetem ou não, ou variam entre si. Isso fica latente não só na trama, no que está escrito como situação, mas na própria

estética do espetáculo, em que o elenco vai fazendo mais de um personagem conforme passam os anos", explica.

"Nossa História com Chico Buarque" busca um certo conceito de arqueologia do cotidiano, ao mostrar grandes e pequenos acontecimentos ao mesmo tempo. A dramaturgia flagra o macro da vida coletiva do Brasil se relacionando com o micro da vida do indivíduo e de uma família.

Ressignificação

Para Rafael, pareceu natural criar uma história que se desenrolasse pelas seis décadas de produção artística de Chico, tomando como marco inicial o lançamento de "A Banda", em 1966: "No palco, a plateia acompanhar três gerações de pessoas que vão tendo seus descendentes e esses descendentes vão resignificando o que foi feito antes, ou o próprio amadurecimento das personagens vai transformando suas experiências anteriores", diz o diretor e dramaturgo.

O time é formado por artistas vindos de formações e estilos bem diversos, como Laila Garin, Flávio Bauraque, Heloisa Jorge, Artur Volpi, Felipe Frazão, Larissa Nunes, Luísa

Vianna e Odilon Esteves, com a participação especial de Cyda Moreno e Soraya Ravenle. Além de se alternarem entre os mesmos personagens ao longo das épocas, todos vivem pelo menos mais de um tipo em cena.

Situadas em três tempos distintos, as narrativas começam separadas e vão aos poucos se interligando, formando um mosaico que contrapõe passado, presente e futuro. Um narrador costura as tramas e traz a realidade sociopolítica do Brasil para as margens da cena, encarnando também a presença-ausente de Chico Buarque e sua latente relação com a vida do país, em termos históricos e emocionais.

SERVIÇO

NOSSA HISTÓRIA COM CHICO BUARQUE

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38 - Cinelândia)

Até 6/10, de quinta a sábado (20h), domingos (19h). Matinês nos dias de sessão dupla (14 e 22/9 e 5 e 6/10), às 15h.

Ingressos: Plateia vip - R\$ 250 e R\$ 125 (meia) | Plateia - R\$ 220 e R\$ 110 (meia)

Divulgação

Daniel A. Rodrigues/Divulgação



Imagem de ensaio da ópera 'Candinho', que trata da infância do pintor Cândido Portinari e faz estreia mundial drante o festival

Palco aberto para novos talentos

Segunda edição do Festival Oficina da Ópera, que investe na formação de equipes criativas, tem início neste fim de semana no Theatro Municipal

Depois do sucesso do I Festival Oficina da Ópera em 2023, um espaço aberto para novos talentos do mercado brasileiro, está de volta ao Theatro Municipal a segunda edição do Festival que traz, de 12 a 21 de setembro, três óperas.

“Candinho”, de João Guilherme Ripper, sobre a infância do pintor Cândido Portinari, abre a programação nesta quinta-feira (12) com o Projeto Escola Arte Educação Petrobras e tem sua estreia oficial na sexta, às 19h, com direção musical e regência de Roberto Duarte.

“La Serva Padrona”, de Giovanni Battista Pergolesi entra em cena no sábado

(14), às 19h, e domingo (15), às 17h, com direção musical e regência de Jésus Figueiredo. E para fechar, nos dias 18 (ensaio geral) e 19, às 12h, sendo que no dia 19 será o projeto Municipal ao Meio-Dia com ingressos a dois reais e ainda nos dias 20 e 21, às 19h, em comemoração aos 100 anos de falecimento de Giacomo Puccini, a primeira ópera dele: “Le Villi”. A direção musical e regência será de Felipe Prateres, maestro titular da OSTM. A ópera contará com bailarinos contratados, além da participação especial da primeira bailarina do TMRJ, Claudia Mota e a narração do ator Nicola Siri.

Os três espetáculos que compõem o II

Festival Oficina da Ópera, pensado e elaborado com o objetivo de formar equipes criativas do setor no Rio de Janeiro, também dando ênfase ao trabalho de jovens diretores, terão na concepção e direção cênica Daniel Salgado (Candinho), Ana Vanessa Silva Santos que estreia no Theatro (La Serva Padrona), além de Bruno Fernandes e Mateus Dutra (Le Villi), dois bailarinos do Theatro Municipal que estão ampliando o campo de atuação. O Festival propõe ainda a formação de equipes de cenógrafos, figurinistas, iluminadores, maquiadores, contrarregas, enfim, todos os profissionais fundamentais para a realização das apresentações.

SERVIÇO

II FESTIVAL OFICINA DA ÓPERA
Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia)
De 12 a 21/9
Candinho - 12/9, às 14h (Projeto Escola), e 13/9, às 19h
La Serva Padrona - 14/9 (19h) e 15/9 (17h)
Le Villi - 18/9 (ensaio geral) 19, 20 e 21/9 (19h)
Ingressos: Frisas e camarotes – R\$ 60 (individual) | plateia e balcão nobre – R\$ 40 | balcão superior e lateral – R\$ 30 | galeria central e lateral – R\$ 15